

# “EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA SALA DE AULA” - UM CADERNO REPLETO DE ESPAÇOS VAZIOS

**Adriana Campos**

Intérprete e arte educadora

**Andreia Dias**

Mediadora e programadora cultural e artista plástica

---



---

### Resumo

Há na sala de aula um espaço que permanece vazio: é reclamado por miúdos, afastado por graúdos, defendido por uns poucos e desejado por muitos mas mesmo que desaparecesse definitivamente, é bem provável que grande parte de nós continuasse a viver perfeitamente. A ausência de um espaço destinado à expressão dramática nas nossas escolas não nos impediria de viver normalmente.

Ainda assim, a ação “Dramática na sala de aula” quer fazer da sala, um lugar em que educadores e professores possam conservar o faz de conta e que, acompanhados por um caderno que se dobra, estica e reserva gavetas inesperadas, cada um possa (a)riscar o seu próprio caminho pela arte.

### Palabras clave

Expressão dramática. Sala de aula. Arriscar. Espaço vazio. Se.

---



---



---



---

### Abstract

There is, in the classroom, a space which remains empty: claimed by children, pushed aside by adults, fought for by a few and wanted by many. If it were to disappear forever, it is likely most of us would go on with our lives without even noticing. The lack of a space devoted to drama lessons in our schools wouldn't stop us from leading our normal lives.

Despite that, the workshop “Expressão Dramática na sala” de aula aims at turning the classroom into a place where educators and teachers might treasure make believe and, in the company of a notebook which unravels and stretches itself and which has hidden and unexpected drawers, each might take a risk and leave a mark in their own path in art.

### Keywords

Drama. Classroom. Take risks. Empty space. If .

---



---

# Apresente-se.

Numa altura em que as mudanças no paradigma da educação formal se afirmam cada vez mais prementes e urgentes, em que os desafios e contextos da contemporaneidade em que nos imergimos e emergimos diariamente não pode continuar a ser excluída, pensá-mos numa formação para os agentes da mudança que se deseja, os professores. Com a autonomia curricular e o novo enquadramento educativo urge abraçar novos desafios e ousar com confiança repensar a escola do futuro e a sua condição de reinvenção continua.

Sendo este um dos objetivos base da formação Expressão Dramática na sala de aula partilhamos experiências e conhecimentos, disponibilizamos ferramentas e emprestamos criatividade e imaginação. Assentes no pressuposto da Educação Artística como veículo incontornável e inesgotável de relação com o mundo e de construção de mundos e da ligação profícua e fundamental das artes com a construção de conhecimento numa aprendizagem eficaz e pragmática acreditamos neste **(a)riscar** que vos propomos como alavanca de novas abordagens em sala de aula de algo que nos acompanha desde o princípio dos tempos – a linguagem do teatro.

## Faça-se o exercício.

Se numa escola, há uma vulgar mesa de trabalho com umas quantas folhas impressas e umas molas soltas, um tubo de cola batom e um conjunto de lápis que não vem acompanhado das respetivas borrachas, não percebemos à partida, que há um caderno por construir. Isto traduz exatamente o que acontece à expressão dramática no atual sistema de ensino.

Se a essa imagem, no canto inferior direito, tal como numa galeria de arte, acrescentarmos o título “Expressão Dramática na sala de aula” (Campos & Dias, 2017), talvez ainda seja difícil descodificar que relação pode ter uma coisa com a outra.

Mas se insistirmos no exercício e desta vez, arriscarmos remexer o conteúdo das páginas e decifrarmos, em letras miúdas, um pequeno texto que entre parêntesis diz “caderno de fazer teatro”, então talvez seja possível entender que a expressão dramática, tal como as páginas dispersas, carece de uma organização concreta dentro da sala, que as molas ainda não agrupam ideias simples, que a cola parece não unir perspectivas

e que aos lápis resta arriscar futuros que sem borraça, podem assumir os erros como parte do percurso. Inspirado neste “se” como experiência tal como o é no teatro, arriscou-se um artigo que balizado pelo jogo, clarificasse o percurso traçado pela ação de formação “Expressão Dramática na sala de aula” e o caderno que a acompanha, cuja contracapa resume em parte, o assunto que se tenciona tratar: “caderno de fazer teatro”.

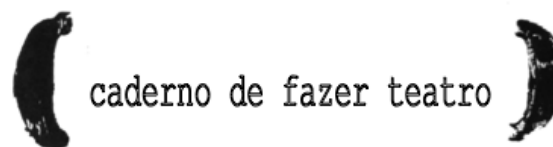


Figura 1. Contra capa caderno (a)riscar. Fonte: (Campos & Dias, 2017)

## Retome-se o exercício.

De regresso ao jogo, organize-se o raciocínio como se pudéssemos desbravar o caderno e descobrir, página por página e à medida que se avança, as surpresas que reserva, as gavetas que esconde e os declives de que não se está à espera.

Mesmo antes de ousar abrir o caderno, demore-se no título aparentemente de pernas para o ar que adivinha duas possibilidades: riscar ou arriscar.



Figura 2. Capa caderno (a)riscar. Fonte: própria

Qualquer lápis de carvão escreve estes verbos quase da mesma maneira, um só acrescenta ao outro em duas letras e se colocarmos o ouvido junto à folha de papel é bem provável que ressoem do mesmo modo e se con-

fundam. No entanto, o mesmo lápis de carvão escreve-os de maneira completamente diferente porque os seus significados se distanciam. O primeiro faz o lápis acentuar-se com intensidade, carregando a mão de esforço, não tanto para sublinhar uma ideia importante mas antes para que rasurando, essa ideia não se veja, se extinga. Já o segundo faz o lápis ganhar contornos, sombras e até texturas, traçando com a mão uma coreografia livre.

O primeiro verbo mais pequeno em tamanho, amiúda a expressão dramática na sala de aula e faz dela umas vezes metáfora, outras vezes ferramenta, momento de pausa, estratégia terapêutica ou ciclorama de festas de final de ano.

E assim, na escola, a expressão dramática reveste-se de tantos significados que é tudo o que não deve ser e acaba por ter uma função nebulosa nas nossas escolas (Brook, 2008, pp. 140- 141).

Já o segundo verbo mais extenso na forma, propõe reescrever a expressão dramática, responsabilizando-a por um debate sobre o seu papel na pedagogia e na educação artística do futuro. Arrisca reescrever o seu significado como uma necessidade ao alcance da multidão, afastando a hipótese de “obedecer a leis misteriosas e quase sagradas, baseadas num dom gratuito, inato, fortuito” (Porcher, 1973, p. 14). Arrisca trazê-lo para a sala de aula como uma ferramenta de educação artística, de ver, explorar e compreender o mundo.

E desde o primeiro momento, “a pergunta como tradução do espanto” (Tavares, 2013, p. 25) apresenta-se como estratégia para que todos os participantes desta acção de formação possam escrever, sombrear ou esbater definições e que a sua prática, a que trazem na bagagem e a que eventualmente se acrescenta com nesta formação, possa depois ser transportada até às suas salas específicas.

Regressemos, pois, às páginas do caderno, conduzidos pela sua imaginação.

Se lançarmos um olhar de relance pelas páginas do caderno veremos um conjunto de folhas cujas cores se reduzem à escala de cinzentos e pretos, rodeados de brancos, que parecem esperar pela chegada de novos tons, muitos espaços vazios que gritam por ser preenchidos, letras de diferentes tamanhos, que se invertem, que aparecem riscadas, páginas que parecem repetir-se ou talvez não e um ponto que se apresenta, se multiplica e ganha sucessivamente novas roupagens, texturas e formas mas que faz questão de impor a sua presença.

Todas estas características anunciam por isso, uma acção de formação incompleta que tal como o caderno

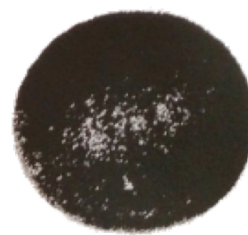


Figura 3. Imagem caderno (a)riscar. (Campos & Dias, 2017)

que a acompanha, exige ser preenchida pela experiência de cada participante, pela ousadia das suas iniciativas e pelo ímpeto de cada um. Portanto, as instruções são claras: não é suposto tratar o caderno como um resultado definitivo mas antes como um treino de práticas que se sucedem até culminar num conjunto de páginas em branco que permitem, mesmo depois de concluída a acção, replicar as propostas ao modo de cada um.

E aquele ponto que se impõe desde o início do caderno mais não serve do que convidar a que a experiência da expressão dramática se multiplique, ganhe novas roupagens, texturas e formas, fazendo jus ao que aparece no capítulo das instruções: «use-o quantas vezes quiser ou até esgotar uma ideia» (Campos & Dias, 2017). Se, ainda de caderno na mão, se optar por fechar os olhos e acordar os outros sentidos, repara-se que afinal, as páginas não são todas iguais e além das faces óbvias, guardam uma abertura no topo onde se pode colocar a mão e descobrir uma bolsa que, como uma gaveta secreta, pode servir para guardar coleções, planos e ideias.

De novo de olhos abertos, apostando desbravar o conteúdo do caderno, os avisos são claros:

“este caderno não é um livro original: partiu de outros livros e de ideias de outras pessoas (...) serve para encontrar espaços na sala de aula em que o teatro, o sonho e a imaginação se tornam possíveis. Foi feito a pensar nos professores e não foi ilustrado para ficar bonitinho, nem na prateleira arrumada de manuais. (...) A partir de agora, é seu...” (Campos & Dias, 2017)

E a este aviso, como um alvitre pendurado do lado de cá do muro, torna-se a convidar os participantes a fazer deste momento, uma experiência singular que impulse o fôlego tantas vezes esquecido na prateleira dos papéis por preencher.

Então, deixando as dúvidas e as incertezas, saltamos o muro e os exercícios revelam-nos uma prática que, através das ferramentas teatrais, convidamos o participante a conhecer melhor o seu corpo, o seu imaginário



Figura 4. Imagem caderno (a)riscar. Fonte: (Campos & Dias, 2017)

rio e a si mesmo, como um todo. Poderá ganhar neste jogo o prazer que eventualmente terá largado lá atrás. E deste outro lado do muro, é possível fazer todo um inventário de possibilidades: é possível fazer todo um inventário de possibilidades: explorar com o corpo, nereidas, faunos e gnomos, inventar os sons de árvores que se espreguiçam e de pássaros que abrem os bicos em bocejos melódicos, desbravar florestas de densas folhagens, com cogumelos apodrecidos e ramos secos...

“Então aqui não vive ninguém? Nem nereidas, nem faunos, nem gnomos, nem nada? Foi para esta pasmação que eu escalei o Muro, digam-me lá?” (Ferreira, 2008, p. 11)

Porém, esta tarefa, tal como na história, só ficará completa se se acrescentar outros, que proponham ao participante desafios de relação, de confiança e de cooperação ainda que possam vir em forma de Fada Infalível, de Guarda do Caminho da Felicidade, de figura monstruosa... Só aí o jogo estará completo.

E seja qual for o caminho que se escolha ou o João que se invente, é clara a necessidade de fazer uma ligação entre o jogo e a arte porque só amando a arte e tendo prazer em desbravá-la é possível convidar os outros a viver essa experiência hedonística.

E estas etapas de descoberta de si mesmo, do outro e da arte são igualmente acompanhadas pelo caderno de fazer teatro que aparece dividido em capítulos, não exatamente organizados em função dos conceitos anteriores que definem os objetivos da expressão dramática mas para que o reconhecimento desses conceitos, dividido por etapas, possa ser testado, apreciado e valorizado a partir dos jogos propostos durante a ação de formação. Estes capítulos não são necessariamente estanques, nem sequer se encerram em si mesmos, mas se fizéssemos uma receita sobre esta ação e os capítulos se transformassem em ingredientes seria qualquer coisa como: *começar a gosto, planejar qb e experimentar muito*. Antes de iniciar a receita, convida 25 participantes a tra-

zerem a sua mala individual (incluindo dúvidas, erros e conquistas). Comece por coloca-los numa sala e deixe o grupo marinar em jogos de várias feições, para que descubram o prazer do lúdico. Quando a mistura estiver no ponto, permita-lhes planejar em conjunto, novos jogos que possam levar dentro da mala que trouxeram. Explique-lhes que essa mala não precisa ser real e sirva com curiosidade um caderno onde podem registrar tudo o que tiverem vontade. Reserve o terceiro ingrediente para que possam repetir a receita com outros.

Todavia, há uma palavra de eleição no caderno que se apresenta em letras destacadas: se. A mesma palavra que tantas vezes se repete neste artigo. A mesma expressão reservada ao faz de conta: faz de conta que sou uma árvore, faz de conta que agora há um muro, faz de conta que só sei falar com gestos...

É que, por meio de histórias, através dessa conjunção tão breve que afinal resume uma hipótese, conduzimos desde há milénios a nossa comunicação, no teatro e na vida. E quanto mais familiarizados estivermos com ela, no teatro e na vida, mais próximos estaremos de conhecer todas as nossas possibilidades.

Assim, este caderno e este artigo mais não querem do que encaminhá-lo para o uso do “se”, conscientes de que, através dele, se apresenta um futuro e que, a nós – artistas e professores – cabe apenas inventar lugares férteis em que se possa experimentá-lo em segurança e que, como farol, possamos iluminar caminhos possíveis e cativar as nossas crianças a inventar um porvir (Brook, 2008, p. 205).



Figura 5. Imagem caderno (a)riscar. Fonte: (Campos & Dias, 2017)

# Enquadre-se o exercício.

*Expressão Dramática na sala de aula* é uma formação, de curta duração, dirigida a educadores e professores, que convida a imaginação e o jogo a serem protagonistas na sala de aula. Desde 2017, assinalou presença em vários espaços culturais da região centro – Mealhada, Lapa do Lobo, Estarreja e Guarda, fazendo-se acompanhar de um caderno único cujo imperativo é arriscar! Nasce de uma parceria entre uma inquietação e um acaso. É concebido pela grande vontade de uma intérprete e arte educadora levar a debate a expressão dramática na sala de aula e de o fazer em estreita relação com aqueles que têm a responsabilidade de incluir esta disciplina nos seus planos curriculares.

A esta inquietação acrescenta-se um encontro inusitado entre duas pessoas, de duas cidades diferentes, com percursos artísticos diferentes mas que em conjunto inflaram esta ideia até se tornar visível e palpável. E à inquietação inicial junta-se um puro acaso que deixa a cargo de uma artista plástica e arte educadora, a responsabilidade de tornar as práticas da formação em matéria menos efêmera e sobretudo, capaz de se prolongar no tempo, através de um caderno.

A partir de um ponto que se transforma, desdobra e acrescenta, acaba por ganhar forma, numa linguagem gráfica simples e cativante, um caderno que convoca cada participante a escrever o seu próprio percurso e a jogar entre limites para que deste modo, o teatro consiga ficar menos efêmero, desvende liberdades e espreite esse espaço vazio reservado à imaginação onde a vida é sonho e a fantasia um lugar presente.

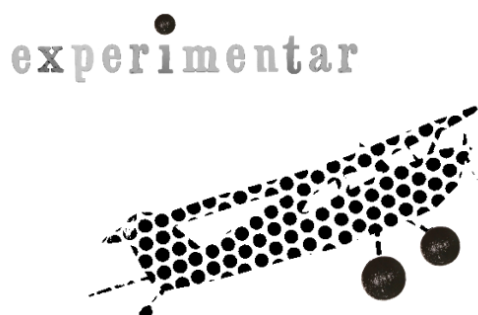


Figura 6. Imagem caderno (a)riscar. Fonte: (Campos & Dias, 2017)

Conclua-se pois e à nebulosidade acrescentem-se inúmeras possibilidades... Não há conclusões outras além de que todos os caminhos neste caderno e nesta formação são passíveis de explorar, como na vida.

Que não existem respostas certas, pré-conceitos, pré-conceitos ou formatações.

Que cada um é livre nas suas escolhas, resoluções, experimentações e afirmações.

Que riscar e arriscar são importantes e determinantes na nossa construção de relações com o Eu, o outro e o mundo.

Que o conhecimento fica em cada um através destas conquistas.

Que existe todo um mundo novo à espera de ser encontrado através do teatro e da expressão dramática em sala de aula.

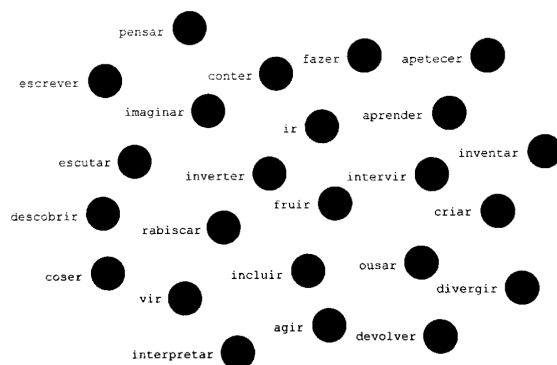


Figura 7. Imagem caderno (a)riscar. Fonte: (Campos & Dias, 2017)

## Bibliografia

- Brook, P. (2008). *O espaço vazio*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Campos, A., & Dias, A. (2017). *(a)riscar - caderno de fazer teatro*. Lisboa: Serviço Educativo da Fundação Lapa do Lobo.
- Ferreira, J. G. (2008). *As aventuras de João sem medo* (2ª ed.). Barcelona: Nooket.
- Gonçalo, M. T. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Porcher, L. (1973). *Educação artística - luxo ou necessidade*. Paris: Summus Editorial.